



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

O parceiro-devastação

Andréa Eulálio¹

O filme UNA² tinha tudo para ser uma história de amor, se a protagonista não tivesse apenas treze anos de idade. Durante três meses, Una manteve uma relação amorosa com um homem de quarenta anos. Ao ser descoberto, Ray é condenado por crime de pedofilia, e Una, obcecada por seu amor, vê-se aprisionada na fantasia de Ray.

Após a prisão de Ray, desamparada, Una cai como puro objeto do Outro, com o qual permanecerá identificada. Como ela lidará com a solidão e com o exílio do objeto amado?

Lacan³ define o amor como “o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio da relação sexual”. O que há é um ser às voltas com seu sintoma, com a fantasia que o sustenta e com sua forma de satisfação de gozo.

Passados quinze anos, Una decide ir ao encontro de Ray e pede a ele que fale sobre ela, sobre seu gozo. Trata-se de uma maneira de certificar-se de que Ray ainda se lembra dela, de que ela era, para ele, a única. “A mulher sonha com a eventualidade de que, entre esses homens haja, no entanto, um que seja a exceção. Mas sob a condição de que, para esse ao menos um, ela seja uma e não mais que uma, isto é, a única.”⁴

1 Participante do cartel “Amores loucos” da XXIV Jornada da EBP-MG, “Mutações do laço social - o novo nas parcerias”, cujo mais-um é Frederico Feu.

2 Una, direção de Benedict Andrews, Netflix, 2016. Adaptado da peça “Blackbird” de D. Harrower.

3 Lacan, J. O seminário, livro 20: Mais, ainda, 1972-1973. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 156.

4 Naveau, P. O que do encontro se escreve, 2017, p. 226. Belo Horizonte: Editora EBP. p. 176.

À medida que os protagonistas revisitam o passado, as cenas se desenrolam em direção às marcas obscuras deixadas em Una quando Ray a abandona no quarto do hotel depois do ato sexual.

Una espera por tanto tempo e tão sozinha, que sai no meio da noite, à deriva, desesperada. Eles não se encontrarão mais. Una, então, entrega-se ao silêncio, envolta no enigma que representa a verdade de seu ser para esse homem. Um silêncio que se espalha e se repete depois do último encontro e durante o julgamento de Ray, quando Una insiste em obter uma palavra dele. Essa imensidão que a devasta é o silêncio de Ray. Como entender essa parceria?

Miller⁵ dirá que o parceiro amoroso torna-se parceiro-devastação para a mulher quando o amor, pela vertente do gozo feminino, a coloca em uma relação direta com o significante que falta no Outro. É aí que o caráter erotomaníaco do amor surge com toda a sua intensidade. Sendo assim, o amor pode se tornar tanto mais louco quanto mais a demanda de amor, em seu caráter infinito retorna ao ser feminino. Para Naveau⁶, uma mulher pode se devastar “a um só tempo por aquilo que se diz uma fala ou, ao contrário, por aquilo que não se diz”. Una é uma mulher ferida, exilada pelo silêncio do homem que a arrebatou, que roubou sua infância, que a devastou. Na tentativa de ancorar seu gozo foi preciso que Ray dissesse a ela que, para ele, ela era Una, a única.

5 Eulálio, A. Amores Loucos – A devastação materna e nas parecerias amorosas. Belo Horizonte. Ed. Artesã, 2108. p.114.

6 Naveau, P. O que do encontro se escreve, 2017, p. 226. Belo Horizonte: Editora EBP. p. 226.